

## CAPÍTULO 9

# CURRÍCULO CULTURAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

**Marcos Garcia Neira**

Francisco Eraldo da Silva Maia

Francisco Silva Barroso Junior

Maria Iranilda Meneses Almeida

George Almeida Lima

Maria Neurismar Araújo de Souza

*O currículo cultural da Educação Física é uma arena de disseminação de sentidos, de polissemia, de produção de identidades voltadas para a análise, interpretação, questionamento e diálogo entre e a partir das culturas. (NEIRA, 2011).*

### 1. Introdução

Este capítulo toma como referência a palestra *Currículo Cultural da Educação Física*<sup>1</sup>, ministrada pelo professor Marcos Garcia Neira no dia 02 de setembro de 2020, durante o 1º Seminário Virtual de Educação Física do GEPEFE (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar). A elabo-

---

1 A palestra pode ser acessada por meio do link: <https://www.youtube.com/watch?v=S2c-2nTod88>. Acesso em: 01 nov. 2023.



ração do texto contou com a participação do próprio palestrante, dos membros da equipe técnico-pedagógica (que cuidaram da transmissão e mediação do evento na plataforma *YouTube*) e dos(as) responsáveis pela transcrição da gravação.

Na tentativa de se manter fiel ao discurso, além de atender à proposta da obra, o capítulo reproduz o que foi dito e a estrutura da locução: introdução, desenvolvimento em quatro tópicos e considerações finais. Em linhas gerais, são apresentadas a gênese do currículo cultural da Educação Física, sua função e principais características.

Trata-se de uma proposta relevante à área por considerar a escola um lugar oportuno para o debate, diálogo, interpretação e produção da cultura corporal, mediante o reconhecimento da pluralidade de significados atribuídos às práticas corporais, e do reconhecimento e valorização das brincadeiras, das danças, das lutas, dos esportes e das ginásticas, que constituem o repertório de diferentes grupos sociais.

Embora o currículo cultural da Educação Física venha sendo experienciado e investigado em escolas das cinco regiões do país e estudado em diversas universidades, o principal *locus* de produção de conhecimentos é o Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (GPEF-FEUSP). O referido grupo é um coletivo que busca inspiração nas teorias pós-críticas, quais sejam, os estudos culturais, *pós-colonialismo*, o multiculturalismo crítico, o pós-estruturalismo, a teoria *queer*<sup>2</sup>, os estudos de gênero e a filosofia da diferença, para articular as práticas pedagógicas na educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Em conjunto, essa

---

2. A teoria *queer* explica que a orientação sexual e a identidade sexual são construções sociais.



base epistemológica subsidia o questionamento dos marcadores de classe, raça, etnia, gênero, orientação sexual, religião etc. que perpassam as práticas corporais e as pessoas que delas participam.

## **2. O surgimento do currículo cultural da Educação Física**

No final dos anos 1990, identificamos cinco teorias curriculares da Educação Física: a esportivista, a desenvolvimentista, a psicomotora, a educação para a saúde e a teoria crítica.

Demo-nos conta de que essas perspectivas de ensino não correspondiam às demandas da sociedade contemporânea. Nesse sentido, enfrentar os desafios, as características e os obstáculos impostos pela sociedade pós-moderna com “ferramentas” concebidas na Modernidade, além de anacrônico, consistia em puro negacionismo (NEIRA, 2022). Afinal, significava desconsiderar os avanços científicos e filosóficos na produção de outras formas de análise social.

Foi essa averiguação que levou um grupo de professor(as) de Educação Física, que atuavam na educação básica, a se reunir nas dependências da FEUSP para aprofundar-se nos estudos culturais e no multiculturalismo crítico em busca de referências para pensar suas ações didáticas.

Entendíamos, em 2004, que esses dois campos teóricos ofereciam explicações interessantes para compreender uma sociedade pós-moderna, cada vez mais multicultural, globalizada, neoliberal e desigual.

As primeiras tentativas de traduzir os estudos culturais e o multiculturalismo crítico em experiências peda-



gógicas para a Educação Física foram nos mostrando que a maneira de definir os temas, desenvolver as aulas e avaliar o trabalho realizado se modificava juntamente com os conteúdos mobilizados (NEIRA, 2008). Algo que ficou mais evidente na medida em que os(as) professores(as) passaram a se inspirar em outros campos teóricos, como o pós-estruturalismo, a teoria *queer*, os estudos de gênero, a teoria feminista, o pós-colonialismo e as filosofias da diferença.

Cada professor(a) passou a elaborar suas experiências curriculares de uma determinada maneira, conforme as características do contexto. Todavia, a noção de cultura (que assumiu a centralidade), linguagem e conhecimento se tornaram aspectos comuns nas experiências. Esse processo culminou naquilo que se tornou conhecido por currículo cultural da Educação Física. Logo, é uma proposta que surgiu da prática, e não uma teoria a ser aplicada. Ademais, o tempo mostrou que ela é constantemente reelaborada, vive em metamorfose.

### **3. As contribuições do currículo cultural para a Educação Física**

Quando uma criança está brincando, ela produz a prática corporal através da sua linguagem corporal, que também se materializa naquela brincadeira; quando um(a) adulto(a) está dançando em uma festa ou quando um(a) atleta profissional está em uma competição, todos(a) estão fazendo a mesma coisa. Sempre que alguém produz uma prática corporal, ele(a) a materializa por meio da linguagem corporal, colocando em circulação os significados que lhe atribui.



Todavia, as pessoas ao seu redor leem a brincadeira, dança, luta, esporte ou ginástica em questão a partir dos seus repertórios culturalmente acessados. Por exemplo, durante um jogo de voleibol, o “toque” executado por João poderá ser lido como “condução” por José. Um “passe” que Maria fez durante uma partida de futebol, Carolina poderá interpretá-lo como um “chute”, e assim por diante.

É por essa razão que, para a Educação Física cultural, as práticas corporais são textos da cultura. Assim, todos os grupos sociais produzem práticas corporais. Portanto, não existem práticas corporais mais interessantes ou menos interessantes, todas constituem traços de uma determinada identidade cultural.

As práticas corporais são patrimônios dos grupos culturais que as produzem ou reproduzem. A depender do território (zona rural, urbana, escola etc.), além dos significados, o formato, as regras, a composição, entre outros, podem não ser os mesmos. Isso explica o porquê de algumas lutas da cultura indígena (a luta marajoara ou o huka-huka) ou da cultura afro-brasileira (a capoeira e o maculelê, por exemplo) emergem aqui no Brasil, mas não aparecem em outros lugares do mundo. Cada grupo produz a gestualidade que singulariza essas manifestações, assim como os seus significados.

No entanto, em uma sociedade globalizada, neoliberal, multicultural e profundamente desigual como a nossa, as crianças de uma escola periférica, muito provavelmente, interagem e conhecem danças urbanas de origem estadunidense disseminadas pelo *YouTube* ou pelo *TikTok*, mas o inverso, possivelmente, jamais acontecerá. Impossível negar a influência das relações de poder presentes nesse pro-



cesso. Logo, fazem-se necessários outros referenciais científico-filosóficos que inspirem o tratamento pedagógico das práticas corporais nas aulas de Educação Física.

Se as teorias pós-críticas ressignificaram as noções de cultura e linguagem, elas também recriaram a noção de conhecimento. Para as teorias tradicionais de currículo, o conhecimento é algo que está dado cientificamente e que precisa ser transmitido. Ou seja, é algo que os(as) professores(as) possuem e as crianças precisam aprender. Para as teorias críticas, é o conhecimento científico analisado criticamente que proporcionará as condições necessárias para a modificação da prática social.

Já para as teorias pós-críticas, a noção de conhecimento é ampla e dialoga com várias outras fontes de saberes (mas isso não significa desvalorizar a noção de conhecimento científico). O conhecimento é tomado como resultado de embates, influenciados por vetores de força. Essa concepção busca assegurar que, quando uma prática corporal for tematizada na escola, os(as) estudantes possam acessar os mais variados significados a seu respeito e, também, a respeito das pessoas envolvidas.

As várias formas de realizar uma prática corporal podem ser confrontadas com base nos conhecimentos dos(as) professores(as), dos(as) estudantes, dos(as) convidados(as), dos(as) praticantes etc., sem que isso implique a adesão obrigatória a um ou outro modo de ver. Tal encontro de conhecimentos distintos contribui para qualificar a leitura e a produção da manifestação.

É justamente por isso que a Educação Física está na área das Linguagens. Na medida em que os(as) professores(as) e os(as) estudantes acessam conhecimentos variados

sobre a ocorrência social de uma brincadeira, dança, luta, esporte ou ginástica, suas maneiras de vê-las, dizê-las e fazê-las se modificam.

#### **4. Aspectos didáticos do currículo cultural da Educação Física**

No currículo cultural, as práticas corporais não são ensinadas, mas tematizadas. A ocorrência social, ou seja, a maneira como uma prática corporal efetivamente acontece na rua, no ginásio, na academia, na praia, na praça e em tantos outros espaços, é transformada em tema cultural. Assim, não faz sentido trabalhar com jogos pré-desportivos, com brincadeiras inventadas por professores(as) e com atividades instrumentais e descontextualizadas. O ponto de partida da tematização é sempre o modo como a brincadeira, a dança, a luta, o esporte ou a ginástica acontecem na sociedade (NEIRA, 2016).

Nesse sentido, os(as) professores(as) organizam um amplo número de situações didáticas abarcando vivências corporais, leitura e ressignificação da prática corporal, aprofundamento, ampliação, registro e avaliação.

Vivenciar implica realizar a prática corporal, produzi-la com a gestualidade possível aos(às) estudantes. Esse processo, em si, implica leitura e ressignificação. Ou seja, intercambiam-se e reelaboram-se os significados inicialmente disponíveis. Aprofundar, por sua vez, tem a ver com propor situações didáticas que propiciem o acesso às informações acerca do modo de realizar, formato, indumentária, técnicas específicas e história, entre outras. Ampliar rela-



ciona-se com acessar significados partilhados pelas pessoas diretamente envolvidas com a prática corporal. Tais saberes são mais comuns nos locais de ocorrência social da manifestação em tela, mas também podem ser disponibilizados mediante convites, entrevistas, vídeos ou áudios gravados por seus praticantes.

Mas isso só tem sentido se os(as) professores(as) mantiverem registros das respostas da turma às atividades, pois é o que permite avaliar o trabalho realizado. Então, na Educação Física cultural, não se avalia a aprendizagem dos(as) estudantes. Avalia-se o que vem sendo feito para, durante o trabalho, perguntar-se por que certas situações didáticas geraram certos efeitos, por vezes, inesperados.

Os(as) professores(as), culturalmente orientados, são autores(as) do currículo juntamente com os(as) estudantes. Não recorrem a apostilas, a sequências didáticas, muito menos a conhecimentos definidos com antecedência. A próxima aula é planejada a partir dos efeitos da aula anterior, é o que se denomina por escrita-curriculo ou escrita “artistada”. Os(as) docentes vão “artistando” o currículo cultural na medida em que a tematização acontece. Trata-se de uma produção criativa, inédita, impossível de ser repetida.

Isso não significa renunciar ao planejamento. Muito pelo contrário, a perspectiva cultural da Educação Física requer que se planejem, cuidadosamente, todas as situações didáticas compreendidas pela tematização, a começar pelo mapeamento do universo cultural e corporal da comunidade. Mapear é o mesmo que cartografar o território, buscando identificar as brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas presentes, acessadas ou conhecidas. O entrecru-



zamento dessas informações com os objetivos expressos no projeto político pedagógico da escola permitirá definir a manifestação a ser tematizada por meio de vivências, leituras da sua ocorrência, ressignificações, aprofundamentos e ampliações. É a problematização das representações enunciadas pela turma durante as atividades que viabiliza a “costura” entre as situações didáticas. Problematizam-se as maneiras de fazer e de dizer as práticas corporais e as pessoas que delas participam.

Enquanto as representações são problematizadas, os discursos a respeito das práticas corporais são desconstruídos. É a inspiração no campo teórico do pós-estruturalismo que faculta os(as) professores(as) a organizarem situações didáticas de aprofundamento e ampliação que permitam os(as) estudantes compreenderem como determinadas formas de narrar a manifestação em tela foram construídas. Isto é, como as relações de poder influenciaram esse processo, quais grupos operaram para que certas formações discursivas estabelecessem regimes de verdade.

Às vezes, os(as) estudantes menosprezam ou exaltam a prática corporal tematizada e as pessoas que com ela se envolvem. O menosprezo é mais comum quando se trata de uma manifestação cultivada por um grupo minoritário, seja pela classe, raça, etnia, gênero, orientação sexual ou território de origem. Por outro lado, a exaltação costuma acontecer quando o tema está mais presente na mídia ou é praticado pelos grupos hegemônicos.

Independentemente do caso, os(as) professores(as) que afirmam colocar em ação o currículo cultural não se acanham. Por meio do aprofundamento e ampliação, pro-

movem a análise criteriosa desses discursos, permitindo que a turma identifique suas origens, o modo como foram construídos e, mais que isso, quem se beneficia ou se prejudica com a sua disseminação. Desconstruir não é destruir. Simplesmente negar ou silenciar uma narrativa favorável, ou contrária, apenas contribui para a que as coisas fiquem como estão. O que, convenhamos, só interessa aos setores que tiram vantagem disso.

## **5. Algumas observações importantes sobre o currículo cultural da Educação Física**

Dizer que a tematização no currículo cultural da Educação Física se efetiva mediante situações didáticas de mapeamento, leitura da prática corporal, vivência, ressignificação, aprofundamento, ampliação, registro e avaliação pode transmitir a falsa impressão de que qualquer professor(a) que conheça os encaminhamentos pedagógicos seja capaz de artistá-los. Infelizmente, não é tão fácil assim. Para que isso aconteça, é fundamental que os(as) docentes sejam “agenciados(as)” por determinados princípios ético-políticos.

A filosofia da diferença explica que é o agenciamento que faz despertar o desejo de agir, que leva o sujeito a realizar algo. O fato é que os(as) professores(as) que colocam em ação o currículo cultural são agenciados(as) por um ou mais dos seguintes princípios ético-políticos: reconhecimento da cultura corporal da comunidade, articulação com o projeto político pedagógico da escola, descolonização do currículo, rejeição ao daltonismo cultural, ancoragem social dos conhecimentos, justiça curricular e potencialização da



enunciação dos saberes discentes. Todos eles reverberam concepções específicas de sociedade, educação, escola, estudante e docência, que influenciam na definição da prática corporal a ser tematizada e o modo de organizar e desenvolver as situações didáticas.

Em outras palavras, os(as) professores(as), culturalmente orientados(as), reconhecem e valorizam a cultura corporal da comunidade; realizam um trabalho coletivo e alinhado aos objetivos da instituição em que atuam; estimulam o pronunciamento dos(as) estudantes durante as aulas, incorporando seus conhecimentos ao currículo; promovem uma análise sócio-histórica e política da manifestação abordada; tematizam práticas corporais pertencentes aos vários grupos que coabitam a sociedade e organizam atividades inclusivas, sem perspectivarem a homogeneização dos seus efeitos nos(as) estudantes (NEIRA, 2010).

Ante todo o exposto, vale questionar a noção de conhecimento, isto é, conteúdo, adotada pelo currículo cultural da Educação Física. Partindo do pressuposto de que, nesta vertente, o conhecimento é resultado do encontro dos repertórios dos(as) estudantes com aqueles veiculados durante as aulas, a noção de cultura corporal (objeto da Educação Física cultural) se amplia para toda produção discursiva e não discursiva alusiva às práticas corporais e às pessoas que com elas se envolvem. Portanto, todas as formas de pensar, fazer e dizer que circulam nas aulas compõem conteúdos, que podem ser, ou não, apropriados pelo alunado.

Nesses termos, inexistente um saber melhor ou pior, uma prática corporal mais ou menos adequada, um conhecimento relevante ou irrelevante. Absolutamente, todos

interessam, desde que contribuam para qualificar a leitura e a produção do tema cultural, seja uma brincadeira, uma dança, uma luta, um esporte ou uma ginástica.

Caminhando para o final deste capítulo, ainda cabe perguntar: afinal, quem o currículo cultural quer formar? Qual é a sua utopia? A Educação Física cultural quer formar sujeitos solidários, que reconheçam que todas as formas de expressão corporal são importantes porque constituem as identidades dos grupos sociais, quem eles são. É isso que esse grupo maravilhoso de professores(as) que se deixaram afetar por outra forma de realizar o trabalho pedagógico tem produzido (NEIRA, 2007).

Os registros de uma parcela significativa dessas ações estão disponíveis no *site* do GPEF-FEUSP<sup>3</sup> no formato de relatos de experiência escritos ou em vídeos, disponíveis para quaisquer pessoas com acesso à *internet* (NEIRA; NUNES; LIMA, 2012). Na nossa visão, esses documentos são mais importantes que as teses, as dissertações e os artigos também disponíveis, pois representam um tipo bem específico de conhecimento: o conhecimento científico-pedagógico produzido na escola, durante e a partir do exercício da docência na educação infantil, no ensino fundamental ou no ensino médio, seja na modalidade regular, profissionalizante ou na educação de jovens e adultos.

## 6. Considerações finais

A partir da exposição do professor Marcos Garcia Neira, conclui-se que currículo cultural da Educação Física

---

<sup>3</sup> Link do site: <https://www.gpef.fe.usp.br/>. Acesso em: 01 nov. 2023.



pode ser compreendido como uma proposta teórico-prática que evidencia a cultura corporal enquanto campo de luta social e política, problematizando, dessa forma, determinados critérios de validação e de negação dos significados atribuídos às diferentes práticas corporais e aos seus participantes.

Os(as) professores que seguem a proposta são agenciados(as) por princípios ético-políticos: reconhecimento da cultura corporal da comunidade e sua articulação com o projeto político pedagógico da escola; justiça curricular; descolonização do currículo; ancoragem social dos conhecimentos, potencialização dos saberes discentes e rejeição ao daltonismo cultural.

A Educação Física cultural ganha materialidade por meio da tematização das brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas, o que requer encaminhamentos pedagógicos de mapeamento, leitura da prática corporal, vivência, ressignificação, aprofundamento, ampliação, registro e avaliação.

Posto isso, infinitos são os caminhos que os(as) professores(as) comprometidos(as) com a artistagem do currículo cultural percorrem. Impossível prevê-los com antecedência, pois se trata de uma produção autoral, artistada. Por fim, entende-se que a palestra transcrita se coloca como um convite aos(às) professores(as) de todo o Brasil que ainda não estão familiarizados(as) com o currículo cultural da Educação Física, para se aventurarem na sua criação. Cada qual à sua maneira, em intenso diálogo com o contexto de atuação. O que se pretende, em suma, é a produção de uma docência cada vez mais solidária, democrática e democratizadora.

## Referências

NEIRA, M. G. Valorização das identidades: a cultura corporal popular como conteúdo do currículo da Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v.13, n.3, pp.174-180, jul./set. 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/820>. Acesso em: 02 nov. 2023.

NEIRA, M. G. Educação Física cultural: carta de navegação. Arquivos em **Movimento**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 02, p. 82-103, jul-dez., 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/11149>. Acesso em: 02 nov. 2016.

NEIRA, M. G. A Educação Física em contextos multiculturais: concepções docentes acerca da própria prática pedagógica. **Currículo sem Fronteiras**, v. 8, n. 2, pp.39-54, jul./dez., 2008. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/neira.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2023.

NEIRA, M. G. Análises das representações dos professores sobre o currículo cultural da Educação Física. **Interface**. Botucatu, v. 14, n. 35, p. 783-795. dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/YqR-L45kX97wt98JcJyt5F6J/>. Acesso em: 02 nov. 2023.

NEIRA, M. G. **O currículo cultural da Educação Física em ação**: a perspectiva dos seus autores. Tese (Livre-Docente em Metodologia do ensino da Educação Física). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/48/tde-10042012-164200/publico/NeiraOcurriculo.pdf>. Acesso em: 13 out. 2023.

NEIRA, M. G. **Currículo cultural da Educação Física**. *YouTube*, 02 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S2c-2nTod88>. Acesso em: 24 junho de 2023.

NEIRA, M. G. Efeitos do negacionismo científico no ensino de Educação Física. In: VIEIRA, R. A. G. (Org.) **Desafios pandêmicos**: a educação física frente à crise. Belém: RFB, 2022. p. 68-78. Disponível em: [https://www.gpef.fe.usp.br/capitulos/marcos\\_68.pdf](https://www.gpef.fe.usp.br/capitulos/marcos_68.pdf). Acesso em: 02 nov. 2023.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F.; LIMA, M. E. **Educação Física e culturas**: ensaios sobre a prática. São Paulo: FEUSP, 2012.